

The background of the cover is a photograph of a construction site. On the left, a multi-story building is under construction, with visible scaffolding and concrete frames. In the center and right, two construction workers are silhouetted against a bright, hazy sky. The worker on the left is facing forward, while the one on the right is in profile, gesturing with his hand. A large, diagonal, semi-transparent red shape cuts across the upper right portion of the image.

INDICADORES **DA CONSTRUÇÃO**

Edição 05
20 de dezembro de 2021

INDICADORES DA CADEIA PRODUTIVA DA CONSTRUÇÃO

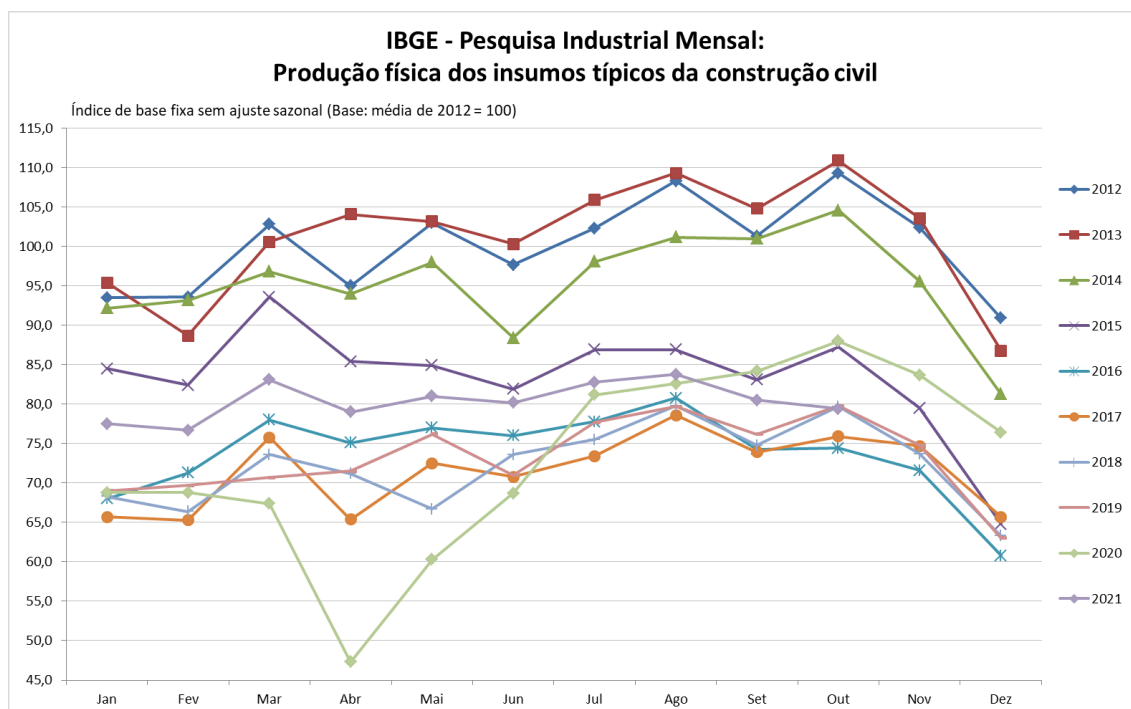
OUTUBRO/NOVEMBRO 2021

Indicadores da Construção	Período	Unidade	Valor	Variação acumulada no ano (%)	Variação em relação a igual período do ano anterior (%)	Fonte
Nível de atividade						
Produção de materiais	out/21	Índice (média 2012 = 100)	79,40	12,1	-9,7	IBGE
Vendas de materiais de construção	out/21	Índice (média 2014 = 100)	113,10	6,8	-13,7	IBGE
Preços						
Índice Nacional de Custos da Construção						
Total	nov/21	R\$ / m ²	1.506,76	18,04		IBGE
Materiais	nov/21	R\$ / m ²	903,22	27,15		IBGE
Mão de obra	nov/21	R\$ / m ²	603,54	6,62		IBGE
Índice de Preços ao Consumidor Amplo						
Geral	nov/21	Índice (dez/2013 = 100)	159,24	9,26		IBGE
Habitação	nov/21	Índice (dez/2013 = 100)	180,88	12,22		IBGE
Financiamentos						
Caderneta de poupança (SBPE) - Saldo	nov/21	R\$ milhões	780.651		-10,1	BACEN

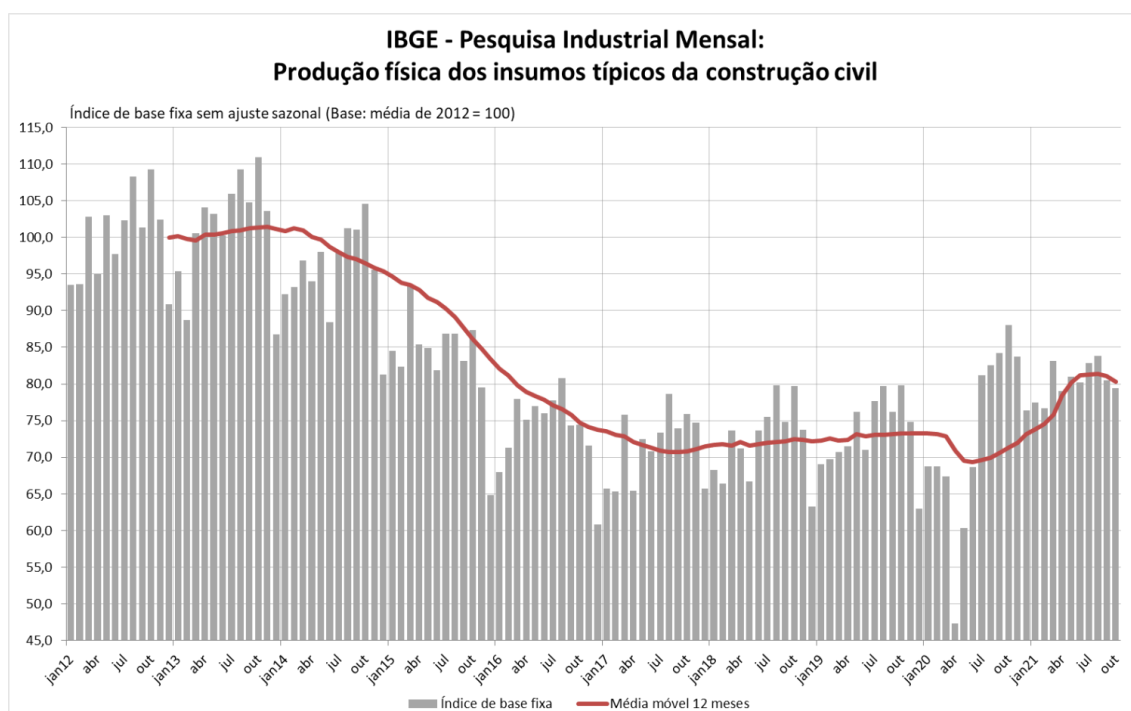
PRODUÇÃO DE MATERIAIS

Em outubro, a produção industrial dos insumos típicos da construção civil voltou a registrar variação negativa (segunda consecutiva) na base de comparação interanual, com retração de 9,7% frente ao apurado em outubro de 2020, superando a queda percentual observada em setembro (-4,3%) na mesma base de comparação. As informações são da mais recente Pesquisa Industrial Mensal do IBGE.

O efeito base decorrente do patamar mais elevado de produção desses bens a partir de julho de 2020, por conta da flexibilização das medidas restritivas de combate à pandemia da covid-19, ajuda a explicar tal resultado. A indicação de curto prazo, no entanto, é de uma perda mais acentuada de dinamismo da produção desses insumos na passagem de setembro para outubro. Tal aspecto pode ser visto por meio do primeiro gráfico a seguir, que traz a série desde 2012 do índice de produção desses bens do IBGE, sem ajuste sazonal.



Como mostra o gráfico, o padrão é de crescimento do índice em outubro em relação ao mês anterior, o que não foi observado em 2021. Como resultado, a taxa de variação acumulada no ano seguiu em desaceleração pelo quinto mês consecutivo, passando de 15,2% até setembro para 12,1% até outubro – crescimento ainda expressivo, cabe notar. O mesmo foi observado para o caso da taxa de variação acumulada nos últimos doze meses, a qual passou de 14,9% até setembro para 12,8% até outubro.



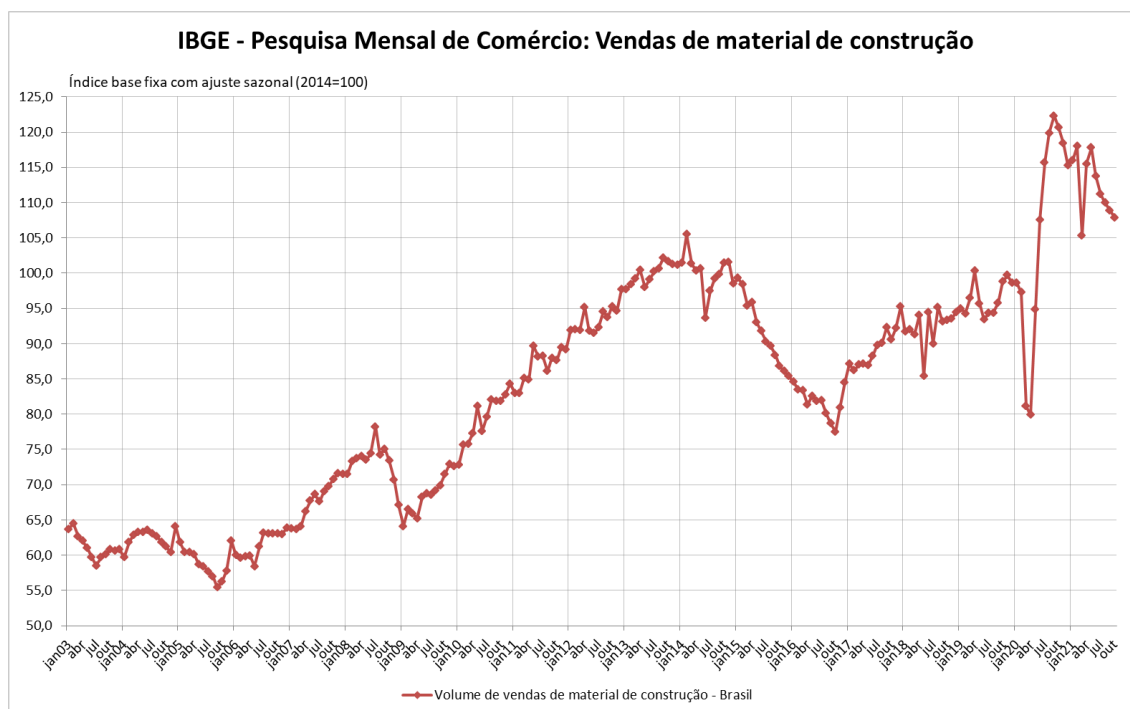
A produção da indústria geral, por sua vez, declinou 7,8% em outubro em relação ao mesmo mês do ano passado, correspondendo à terceira variação negativa consecutiva no ano nessa base de comparação, superando a queda apurada em agosto (-0,5%) e em setembro (-4,1%). Frente à produção de setembro, o declínio foi de 0,6%, com base nos dados com ajustes sazonais, igualando a taxa observada no mês anterior (-0,6%). Nessa base de comparação mensal, esta é a quinta queda consecutiva da produção industrial nacional. Como resultado, o movimento de desaceleração da taxa de variação acumulada no ano prosseguiu, passando de 7,5% até setembro para 5,7% até outubro. Por fim, pelo segundo mês consecutivo, a taxa de variação acumulada nos últimos doze meses apresentou desaceleração, passando de 6,4% até setembro para 5,7% até outubro.

A produção das Indústrias Extrativas, um dos grandes segmentos da indústria geral, teve expressiva queda em outubro na comparação com setembro (-8,6%), com base nos dados ajustados pela sazonalidade, revertendo a expansão de 2,2% registrada no mês anterior. Frente a outubro de 2020, a queda foi de -4,7%, contrastando com o crescimento de 3,1% observado em setembro nesta mesma base de comparação interanual. Como resultado, o crescimento acumulado da produção desse conjunto de indústrias passou de 1,2% até setembro para apenas 0,6% até outubro. A taxa de variação acumulada nos últimos doze meses, ainda em campo negativo, passou de -0,8% até setembro para -0,6% até outubro.

A produção das Indústrias de Transformação voltou a ter variação negativa em outubro (-0,1%) em relação ao mês anterior, ainda que inferior àquela observada em setembro (-0,5%), considerando a série de produção com ajuste sazonal. Esta é a quinta variação negativa consecutiva. Na comparação interanual, outubro marcou a terceira retração consecutiva, com a produção dessas indústrias apresentando queda de 8,2% em relação ao mesmo mês de 2020, retração que superou o resultado de setembro (-4,9%). Essa perda de dinamismo pode ser também observada quando se considera (i) o crescimento acumulado da produção no ano, o qual passou de 8,4% até setembro para 6,4% até outubro, e a (ii) variação acumulada nos últimos doze meses, a qual passou de 7,5% até setembro para 6,5% até outubro.

COMÉRCIO DE MATERIAIS

O volume de vendas do comércio varejista de materiais de construção voltou a declinar em outubro, considerando a comparação com o mês anterior e a série com ajuste sazonal, constituindo-se na quinta retração consecutiva. De acordo com a mais recente Pesquisa Mensal de Comércio (PMC) do IBGE, o volume de vendas desses produtos teve queda de 0,9% na passagem de setembro para outubro, praticamente em linha com a taxa observada nos dois meses anteriores (-1,1% em agosto e -1,0% em setembro). O gráfico a seguir, que apresenta a série histórica do IBGE do índice do volume de vendas do comércio varejista desses bens com ajuste sazonal, mostra a trajetória descendente das vendas de materiais, iniciada em junho.



Na comparação com outubro de 2020, houve queda de 13,7% do volume de vendas de materiais, a quarta consecutiva, superando a retração registrada em setembro (-10,1%). Como resultado, a taxa de variação acumulada no ano seguiu em desaceleração (iniciada ainda em junho), passando de 9,7% até setembro para 6,8% até outubro. A desaceleração foi mais pronunciada em termos de pontos percentuais na taxa de variação acumulada nos últimos doze meses, passando de 12,0% até setembro para 8,6% até outubro.

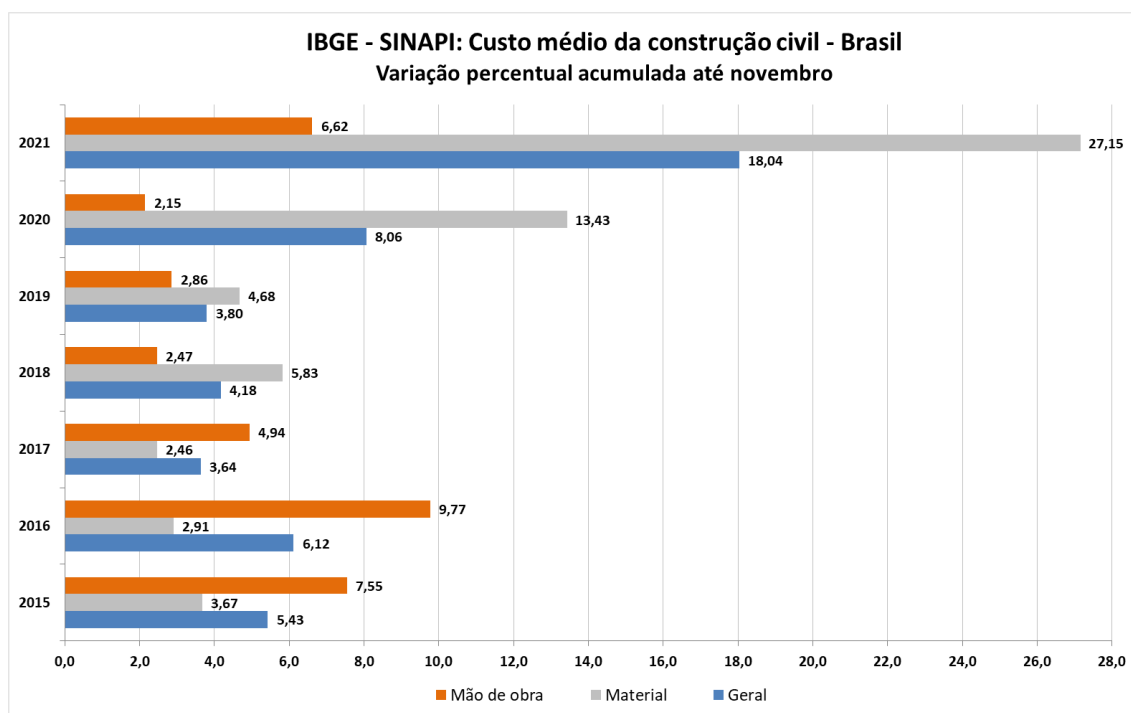
O volume de vendas do comércio no conceito mais restrito da pesquisa do IBGE apresentou modesta retração em outubro (-0,1%) em relação ao resultado de setembro, já considerada a sazonalidade. Ainda que este tenha sido o quinto resultado negativo mensal consecutivo, a magnitude da queda foi a menor desse período. Em termos da comparação interanual, porém, a queda foi de 7,1% em relação ao volume de outubro do ano passado (a terceira consecutiva), superando a retração dos últimos dois meses (-4,1% em agosto e -5,2% em setembro). No acumulado do ano, as vendas do comércio varejista voltaram a apresentar desaceleração, passando de 3,9% até setembro para 2,6% até outubro. Mesma trajetória foi observada no caso da taxa de variação acumulada nos últimos doze meses, que também passou de 3,9% até setembro para 2,6% até outubro.

As vendas do comércio varejista ampliado, que inclui, além dos segmentos do índice restrito, os segmentos de material de construção e de veículos, motos, partes e peças, registraram igualmente queda em outubro (-0,9%) frente a setembro, com base nos dados com ajuste sazonal, constituindo-se na terceira retração consecutiva. Frente a outubro de 2020, a queda foi de 7,1%, superior aos resultados de agosto (-0,1%) e de setembro (-4,0%), nessa base de comparação interanual. Além da expressiva queda do volume de vendas dos materiais de construção, como discutido acima, a retração interanual de 4,0% das vendas de veículos, motos, partes e peças (a primeira variação

negativa desde fevereiro na comparação interanual) contribuíram para essa evolução negativa do comércio varejista ampliado. Entre janeiro e outubro, as vendas desse conjunto de segmentos apresentaram crescimento de 6,3%, desacelerando em relação ao acumulado até setembro (8,1%). Por fim, quando se considera a taxa de variação acumulada nos últimos doze meses, a desaceleração iniciada em agosto prossegiu, com essa taxa passando de 7,0% até setembro para 5,7% até outubro.

CUSTOS DA CONSTRUÇÃO

Pelo segundo mês consecutivo, a expansão do custo médio nacional da construção superou o resultado do mês anterior, variando 1,07% em novembro, acima da taxa apurada em outubro (1,01%) e em setembro (0,88%). As informações são relativas ao Índice Nacional da Construção Civil do Sistema Nacional de Pesquisa de Custos e Índices da Construção Civil (Sinapi) do IBGE. Ainda que essa taxa de variação tenha sido a maior desde agosto, ela segue em patamar relativamente mais baixo frente ao observado nos sete primeiros meses do ano, quando a taxa média superou 1,8% ao mês. Em novembro de 2020, a variação do custo foi de 1,82%. No ano, o custo médio registra crescimento acumulado de 18,04% até novembro, superando a variação acumulada até outubro, de 16,79%. O resultado até novembro supera em larga medida o apurado no mesmo período do ano passado (8,06%), como mostra o gráfico a seguir, que traz a taxa de variação acumulada até novembro em cada ano entre 2015 e 2021. Por fim, a taxa de variação acumulada nos últimos doze meses seguiu em desaceleração em novembro, na sequência da trajetória descendente iniciada em outubro, com a taxa passando de 21,22% até outubro para 20,33% em novembro.



A discreta aceleração do custo médio nacional em novembro se deveu à evolução do índice relativo ao custo dos materiais, cuja taxa avançou 1,66% naquele mês, acima da taxa observada nos dois

meses anteriores (1,21% em setembro e 1,27% em outubro), mas consideravelmente abaixo da taxa apurada em novembro de 2020 (3,15%). A taxa de variação acumulada do ano voltou a acelerar, passando de 25,08% até outubro para 27,15% até novembro. Por outro lado, a variação acumulada nos últimos doze meses do custo dos materiais seguiu em desaceleração, passando de 33,39% até outubro para 31,46% até novembro.

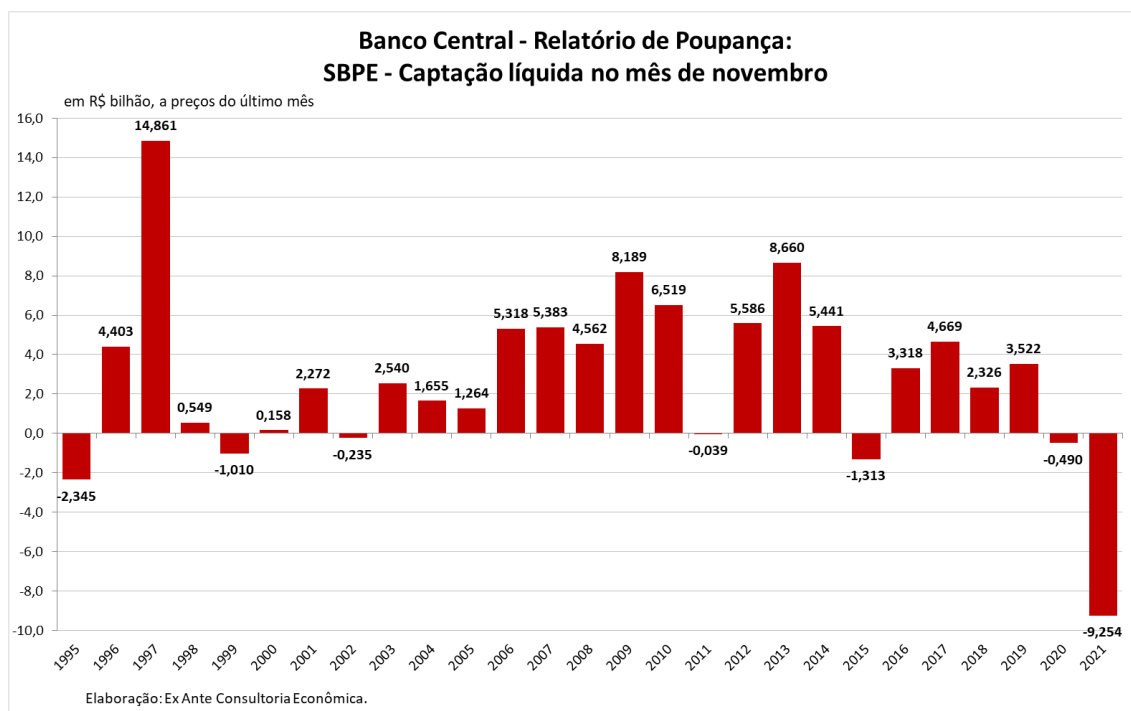
Diferentemente do custo dos materiais, o índice relativo ao custo da mão de obra teve variação inferior à dos dois meses anteriores, ficando em 0,18% em novembro, abaixo das taxas de 0,40% de setembro e de 0,64% em outubro. Cabe notar que essa taxa também ficou abaixo daquela apurada em novembro de 2020 (0,25%). Em termos da variação acumulada no ano, foi observada uma discreta aceleração, com a expansão do custo da mão de obra passando de 6,42% até outubro para 6,62% até novembro. Finalmente, a taxa de variação acumulada nos últimos doze meses apresentou modesta desaceleração, passando de 6,88% até outubro para 6,81% até novembro.

Em termos monetários, em novembro, o custo nacional médio atingiu R\$ 1.506,76 por metro quadrado, com R\$ 903,22 correspondendo ao componente material e R\$ 603,54 à mão de obra. Em termos regionais, os custos por metro quadrado em novembro foram de R\$ 1.494,32 na região Norte, de R\$ 1.409,08 na região Nordeste, de R\$ 1.567,24 no Sudeste, de R\$ 1.586,39 no Sul e de R\$ 1.494,20 na região Centro-Oeste.

DEPÓSITOS DE POUPANÇA – SBPE

No fim de novembro, o saldo global de depósitos de poupança do Sistema Brasileiro de Poupança e Empréstimo (SBPE) chegou a R\$ 780,651 bilhões, segundo o mais recente Relatório de Poupança do Banco Central do Brasil. Com relação ao saldo do fechamento de outubro, o referido montante correspondeu a uma queda de 1,8% em termos reais, a quarta retração mensal consecutiva. Em relação a novembro de 2020, o saldo do penúltimo mês de 2021 foi 10,1% menor, também em termos reais, constituindo-se na sexta queda consecutiva nesta base de comparação interanual.

A captação líquida do sistema voltou a ser negativa em novembro (-R\$ 9,254 bilhões), o quarto resultado negativo consecutivo, contrastando com o padrão histórico de captações positivas para o mês, conforme mostra o gráfico a seguir, que apresenta a série histórica do Banco Central do Brasil iniciada em 1995, a preços constantes de novembro de 2021, para as captações registradas nesse mês.



Ainda que o fluxo de depósitos em novembro tenha superado em 0,3% o de outubro, já considerada a inflação, o fluxo de retiradas aumentou 1,6% na mesma base de comparação. Na comparação com novembro de 2020, o fluxo de depósitos foi 13,7% menor, enquanto o de retiradas foi 10,6% menor, em termos reais nos dois casos. Entre janeiro e novembro, o SBPE teve oito meses de captação negativa. No período recente, apenas nos anos de 2015 e de 2016 padrão semelhante foi observado, com 11 meses e 10 meses de captação negativa, respectivamente.

Indicadores da Construção – Edição 05

20 de dezembro de 2021

Elaboração:

Departamento da Indústria da Construção e Mineração – Deconic/Fiesp
Ex Ante Consultoria Econômica

Veja esta e outras informações sobre o setor no Observatório da Construção:

<http://www.observatoriodaconstrucao.com.br>